

Afetividade e Comunicação na Educação Infantil: Vínculos que Ensinam e Humanizam

Ozeneia dos Santos Teixeira

Doutoranda em Ciências da Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Oderléia Rodrigues dos Santos Castro

Doutoranda em Ciências da Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão teórica sobre a importância da afetividade e da comunicação no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. A partir de uma revisão bibliográfica qualitativa, fundamentada em autores como Wallon, Vygotsky, Freire, Fortuna e Barbosa, discute-se o papel do professor como mediador afetivo e comunicativo nas relações cotidianas com as crianças. Os resultados apontam que o vínculo emocional e o diálogo constituem elementos essenciais para o desenvolvimento integral, favorecendo a autoestima, a autonomia e a curiosidade infantil. Conclui-se que educar com afeto é promover uma prática pedagógica humanizadora, em que o cuidado, a escuta e a empatia se tornam caminhos para uma aprendizagem significativa e transformadora.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Comunicação. Mediação. Prática Pedagógica.



Recebido em: setembro. 2025. Aceito em: dezembro. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.749

Ciência e Tempo Histórico: Tramas do Agora

Janeiro, 2026, v. 3, n. 34

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Afectividad Y Comunicación En La Educación Infantil: Lazos Que Enseñan Y Humanizan

Resumen: Este artículo presenta una reflexión teórica sobre la importancia de la afectividad y la comunicación en el proceso de enseñanza y aprendizaje en la Educación Infantil. Basado en una revisión cualitativa de la literatura, basada en autores como Wallon, Vygotsky, Freire, Fortuna y Barbosa, se discute el papel del profesor como mediador afectivo y comunicativo en las relaciones diarias con los niños. Los resultados indican que el vínculo emocional y el diálogo son elementos esenciales para el desarrollo integral, favoreciendo la autoestima, la autonomía y la curiosidad de los niños. Se concluye que educar con afecto es promover una práctica pedagógica humanizadora, en la que el cuidado, la escucha y la empatía se convierten en caminos para un aprendizaje significativo y transformador.

Palabras clave: Educación Infantil. Afectividad. Comunicación. Mediación. Práctica pedagógica.

Affectivity and Communication in Early Childhood Education: Bonds That Teach And Humanize

Abstract: This article presents a theoretical reflection on the importance of affectivity and communication in the teaching and learning process in Early Childhood Education. Based on a qualitative literature review, based on authors such as Wallon, Vygotsky, Freire, Fortuna and Barbosa, the role of the teacher as an affective and communicative mediator in the daily relationships with children is discussed. The results indicate that emotional bonding and dialogue are essential elements for integral development, favoring self-esteem, autonomy and children's curiosity. It is concluded that educating with affection is to promote a humanizing pedagogical practice, in which care, listening and empathy become paths for meaningful and transformative learning.

Keywords: Early Childhood Education. Affectivity. Communication. Mediation. Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil representa o primeiro contato formal da criança com a instituição escolar e, portanto, o início de sua jornada de socialização e construção de saberes. Nesse espaço, o aprendizado não se restringe à aquisição de conteúdos, mas se constrói por meio das relações afetivas, das interações e das experiências vividas. É através do olhar, do toque, da escuta e da palavra que o vínculo entre professor e criança se estabelece, transformando a sala de aula em um ambiente de confiança, segurança e descoberta.

Na primeira infância, o desenvolvimento cognitivo e emocional caminha lado a lado. Autores como Henri Wallon (1981) e Lev Vygotsky (1991) defendem que o afeto e a linguagem não são dimensões separadas do conhecimento, mas parte essencial do processo de formação humana. O modo como o adulto acolhe, comunica e interage com a criança influencia diretamente o desenvolvimento de sua autoestima, da autonomia e da capacidade de aprender. Uma vez que “As atitudes, em relação com os seus estados de bem-estar, de indisposição, de necessidade, constituem a infraestrutura das suas emoções. [...] A emoção é uma linguagem antes da linguagem” (Wallon, 1981, p. 13).

Segundo Palangana (2015), o desenvolvimento da linguagem passa de um estágio inicial, marcado por um uso mais afetivo e expressivo da fala, para uma fase em que ela se torna instrumento do pensamento, revelando sua natureza intelectual. Assim, o processo de formação do pensamento e da comunicação não parte do indivíduo para o meio social, mas se constrói inicialmente nas interações sociais, sendo depois interiorizado pelo sujeito.

Os autores sustentam que a relação afetiva e comunicativa entre adultos e criança é essencial para o desenvolvimento da autoestima, da autonomia e da capacidade de aprendizagem, especialmente na primeira infância, quando a emoção e a cognição ainda se estruturam de modo integrado.

Assim, compreender a afetividade e a comunicação como eixos estruturantes da Educação Infantil é reconhecer que aprender é também um ato emocional e relacional.

Em um cenário educacional em que muitas práticas ainda priorizam a rotina e o cumprimento de metas cognitivas, torna-se urgente resgatar o valor do encontro, da escuta e do diálogo como caminhos de humanização. Paulo Freire (2006) já afirmava que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, e é nesse reconhecimento do outro como sujeito de fala e sentimento que se funda a pedagogia da afetividade.

Freire (2006) ressalta que não se pode admitir uma separação rígida entre a seriedade do ato de ensinar e a afetividade nas relações pedagógicas. Para o autor, não é verdadeiro — e tampouco democrático — o pensamento de que o bom professor é aquele que se mostra severo, frio ou distante. A afetividade, segundo ele, faz parte do próprio processo de conhecer, pois ensinar e aprender são experiências que envolvem busca, beleza e alegria.

Dessa forma, este artigo propõe refletir sobre a importância da afetividade e da comunicação no cotidiano da Educação Infantil, analisando como o vínculo entre professor e criança favorece o desenvolvimento integral, o equilíbrio emocional e a aprendizagem significativa. A discussão se apoia em referenciais teóricos que dialogam entre a psicologia e a pedagogia, buscando contribuir com práticas que unam ciência, sensibilidade e compromisso ético com a infância.

AFETIVIDADE E COMUNICAÇÃO: BASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento infantil é um processo complexo, que envolve dimensões cognitivas, emocionais, motoras e sociais, todas interligadas. A afetividade e a comunicação, nesse contexto, não são elementos acessórios, mas o cerne das relações que estruturam o aprender e o conviver. É por meio do vínculo com o outro e da troca simbólica que a criança constrói significados, reconhece a si mesma e se insere no mundo.

O desenvolvimento infantil constitui um processo complexo e multifacetado, em que emoção, cognição e interação social se entrelaçam de forma indissociável (Vygotsky, 1991; Siegel & Bryson, 2020). A afetividade, nesse contexto, não representa um aspecto secundário, mas o eixo estruturante do aprender e do conviver. É por meio do vínculo afetivo e da segurança

emocional que a criança estabelece relações de confiança, explora o ambiente e constrói significados sobre si e sobre o mundo que a cerca (Bowlby, 1969; Breviário et al., 2025).

De acordo com Henri Wallon (1981), a afetividade é uma força que impulsiona o desenvolvimento humano e orienta o comportamento. Ela precede o pensamento racional e constitui a base das primeiras interações da criança com o meio. O autor destaca que a emoção tem papel organizador nas relações sociais e na formação da personalidade, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento cognitivo. Por conseguinte, uma criança que se sente acolhida e segura estabelece conexões emocionais que favorecem a curiosidade e o interesse em aprender.

“Ensinar é uma atividade emocional e, como tal, carrega consigo a nossa experiência emocional, bem como daqueles que nos rodeiam” (Giongo, 2022), e assim conforme a autora, o ato de ensinar envolve dimensões emocionais e relacionais profundas, pois a afetividade é parte constitutiva da prática pedagógica e influencia a forma como o aluno se envolve cognitivamente. A autora enfatiza que o educador mobiliza suas próprias emoções e os alunos, criando um ambiente de confiança e empatia, condição essencial para uma aprendizagem significativa.

Lev Vygotsky (1991) complementa essa compreensão ao afirmar que o aprendizado é mediado socialmente. A linguagem, nesse processo, tem papel fundamental: é por meio dela que o pensamento se forma e se expressa. A comunicação, portanto, não é apenas instrumento, mas também condição para o desenvolvimento intelectual e afetivo.

Na concepção vigotskiana, o ambiente social em que a criança está inserida constitui, de fato, uma zona de desenvolvimento, na medida em que as pessoas mais experientes colocam-se como uma consciência indireta que ajuda a criança a discernir melhor sua experiência e, por conseguinte, a sair da indiferenciação inicial. [...] Juntamente com a linguagem, são internalizados valores, significados, regras de conduta, enfim, formas culturais de comportamento (ou de papéis) que possibilitam atribuir novo sentido ao real, criar novos símbolos e ampliar o conhecimento (Palangana, 2015. p. 115).

Refletindo deste modo, com precisão, a perspectiva vigotskiana acerca da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), conceito segundo o qual o aprendizado ocorre nas interações sociais mediadas entre a criança e sujeitos

mais experientes. Para Vygotsky, a ZDP corresponde ao intervalo entre o que a criança já é capaz de realizar de forma autônoma e aquilo que pode alcançar com o auxílio de um adulto ou de colegas mais competentes.

Nesse processo, o ambiente social atua como mediador essencial do desenvolvimento cognitivo, afetivo e cultural. À medida que interage, a criança internaliza não apenas a linguagem, mas também valores, normas e modos de agir que lhe possibilitam atribuir novos significados à realidade e ampliar sua compreensão do mundo. Tal concepção evidencia que a aprendizagem precede e impulsiona o desenvolvimento, promovendo transformações nas estruturas mentais em formação.

Dessarte, quando Palangana (2015, p. 115) afirma que o meio social constitui uma zona de desenvolvimento, retoma de maneira fiel o princípio vigotskiano de que o pensamento e o comportamento humano têm origem nas relações sociais e culturais, sendo posteriormente internalizados no plano individual.

Na Educação Infantil, isso significa que o professor precisa atuar como mediador sensível, que escuta, dialoga e interpreta as manifestações verbais e não verbais das crianças.

Na mesma perspectiva, Paulo Freire (1996) reforça que ensinar é um ato de diálogo e amorosidade. Para ele, o diálogo é a base de toda prática libertadora, pois cria um ambiente em que o conhecimento é construído de forma compartilhada.

Como afirma o autor: “É no diálogo que o professor e os alunos se tornam sujeitos no ato de conhecer, e não simples transmissores e receptores de saber” (FREIRE, 1996, p. 79).

Quando o educador escuta genuinamente a criança, reconhece sua voz e suas experiências, permitindo que ela se sinta pertencente e valorizada. Esse reconhecimento é essencial para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de competência — pilares da aprendizagem significativa.

Pesquisas contemporâneas, como as de Tânia Fortuna (2012) e Maria Carmen Barbosa (2019), reforçam que o vínculo afetivo e a comunicação empática entre professor e criança são determinantes para o desenvolvimento integral e socioemocional. Fortuna (2012, p. 41) destaca que “a afetividade é

uma linguagem que se manifesta nos gestos, nas expressões, nos silêncios e nos olhares, e o professor precisa aprender a ‘ler’ essas formas sutis de comunicação infantil”, reconhecendo nelas manifestações legítimas de pensamento e sentimento. Já Barbosa (2019, p. 32), ao discutir o papel do educador na Educação Infantil, enfatiza que “a escuta sensível é também uma forma de cuidado e de mediação pedagógica, pois permite compreender as crianças em suas múltiplas linguagens e construir com elas práticas mais humanas e democráticas”

Essas perspectivas convergem ao compreender que a afetividade e a escuta constituem dimensões indissociáveis da ação pedagógica, instaurando uma pedagogia do cuidado, do diálogo e da presença. Ao interpretar as linguagens do corpo e do silêncio, o professor amplia sua compreensão sobre o modo como as crianças aprendem, se expressam e se relacionam com o mundo — uma escuta que, como afirma Lima, Cavalcante e Santos (2024, p. 7), “requer estar atento a gestos, posturas, atitudes, choros e sorrisos, pois todas as expressões infantis necessitam de atenção e significado”.

Ouvir as crianças requer muito além de escutar as palavras verbalizadas. É preciso estar atento a gestos, posturas, atitudes, choros e sorrisos, pois todas suas expressões necessitam de atenção e, para que isso aconteça, é preciso estabelecer uma comunicação efetiva com os pequenos, estar junto deles, seja brincando, cantando, conversando, entre outras ações que os considerem sujeitos (Lima; Cavalcante; Santos; 2024, P. 6).

Nessa perspectiva, a comunicação na Educação Infantil extrapola o uso das palavras. Ela se dá também nos gestos, nas expressões, nos desenhos, nas brincadeiras e até no silêncio. Cada forma de expressão é uma tentativa de comunicação que o educador precisa reconhecer e valorizar.

A criança comunica o que sente, pensa e imagina por múltiplas linguagens — e cabe ao professor oferecer espaço e tempo para que essas linguagens floresçam.

Assim, afetividade e comunicação se entrelaçam como dimensões inseparáveis da prática pedagógica. O afeto cria o ambiente seguro onde o diálogo se torna possível, e o diálogo fortalece o vínculo que sustenta o afeto. Esse ciclo virtuoso é o que garante o desenvolvimento integral e o florescimento humano na primeira infância.

A AFETIVIDADE COMO ESSÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento infantil é um processo complexo, que envolve dimensões cognitivas, emocionais, motoras e sociais, todas interligadas. A afetividade e a comunicação, nesse contexto, não são elementos acessórios, mas o cerne das relações que estruturam o aprender e o conviver. É por meio do vínculo com o outro e da troca simbólica que a criança constrói significados, reconhece a si mesma e se insere no mundo.

Segundo Henri Wallon (1981), a afetividade é uma força que impulsiona o desenvolvimento humano e orienta o comportamento. Ela antecede o pensamento racional e constitui a base das primeiras interações da criança com o meio. Como afirma o autor, “a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos” (Dantas, 1992 apud Wallon, 2007, p. 37).

Desse modo, a afetividade não é apenas um estado emocional, mas uma condição estruturante da aprendizagem e da construção do conhecimento. Ao sentir-se acolhida e segura, a criança estabelece vínculos que favorecem a curiosidade e o interesse em aprender, pois, como destaca Wallon, “a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa” (Dantas, 1992 apud Wallon, 2007, p. 37)

Lev Vygotsky (1991) complementa essa compreensão ao afirmar que o aprendizado é mediado socialmente, ocorrendo nas interações e nas trocas que a criança estabelece com o meio e com os outros. Para o autor, “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus companheiros” (Vygotsky, 1991, p. 101).

A linguagem, nesse processo, tem papel central, pois é por meio dela que o pensamento se forma, se organiza e se expressa. Como explica Palangana (2015, p. 87), “a linguagem, para Vygotsky, é o principal instrumento de mediação entre o sujeito e o meio; é por meio dela que o pensamento se organiza, se comunica e se transforma”.

Na Educação Infantil, isso significa que o professor deve atuar como um mediador sensível, capaz de escutar, dialogar e interpretar as manifestações verbais e não verbais das crianças, reconhecendo na comunicação não apenas um instrumento, mas uma condição essencial para o desenvolvimento intelectual e afetivo.

COMUNICAÇÃO E VÍNCULO: O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA O APRENDER

Na mesma perspectiva, Paulo Freire (1996) reforça que ensinar é um ato de diálogo e amorosidade. Para o autor, o diálogo é o alicerce de toda prática libertadora, pois é por meio dele que o conhecimento se constrói de forma compartilhada. Como afirma o educador:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. A pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, não pode ser um ato de arrogância. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não para domesticá-lo (Freire, 1996, p. 107).

Nessa relação dialógica, o ato de escutar genuinamente a criança representa mais que uma técnica pedagógica: é uma postura ética e afetiva. Como defende Freire, “ensinar exige querer bem aos educandos” (Freire, 1996, p. 72). Assim, ao reconhecer a voz e as experiências infantis, o educador permite que a criança se sinta pertencente e valorizada, fortalecendo sua autoestima e o sentimento de competência — pilares da aprendizagem significativa e da humanização.

Outros estudos contemporâneos, como os de Tânia Fortuna (2012) e Maria Carmen Barbosa (2019), reforçam que o vínculo afetivo e a comunicação empática entre professor e criança são determinantes para o desenvolvimento integral e socioemocional.

De acordo com Fortuna, “a afetividade é uma linguagem que se manifesta nos gestos, nas expressões, nos silêncios e nos olhares, e o professor precisa aprender a ler essas formas sutis de comunicação infantil” (Fortuna, 2012, p. 41). Ao reconhecer essas expressões como manifestações legítimas de pensamento,

o educador amplia sua escuta e estabelece vínculos que potencializam a aprendizagem.

Nessa mesma linha, Barbosa (2019) destaca que “a escuta sensível é também uma forma de cuidado e de mediação pedagógica, pois permite compreender as crianças em suas múltiplas linguagens e construir com elas práticas mais humanas e democráticas” (Barbosa, 2019, p. 32). Assim, ambas as autoras convergem ao afirmar que a afetividade e a escuta constituem dimensões centrais da prática docente, favorecendo o reconhecimento da criança como sujeito de direitos, de fala e de sentimento.

Nessa perspectiva, a comunicação na Educação Infantil extrapola o uso das palavras. Ela se dá também nos gestos, nas expressões, nos desenhos, nas brincadeiras e até no silêncio. Cada forma de expressão é uma tentativa de comunicação que o educador precisa reconhecer e valorizar.

A criança comunica o que sente, pensa e imagina por múltiplas linguagens — e cabe ao professor oferecer espaço e tempo para que essas linguagens floresçam.

Assim, afetividade e comunicação se entrelaçam como dimensões inseparáveis da prática pedagógica. O afeto cria o ambiente seguro onde o diálogo se torna possível, e o diálogo fortalece o vínculo que sustenta o afeto. Esse ciclo virtuoso é o que garante o desenvolvimento integral e o florescimento humano na primeira infância.

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR AFETIVO

A Educação Infantil constitui o primeiro espaço social estruturado onde a criança estabelece relações formais com o outro e com o conhecimento. Nesse contexto, o professor exerce um papel fundamental: o de mediador das experiências, das emoções e das aprendizagens. Mais do que um transmissor de conteúdos, o educador é aquele que acolhe, escuta, interpreta e cria condições para que a criança construa sentidos e desenvolva suas potencialidades cognitivas, sociais e afetivas.

Sua presença sensível, intencional e ética transforma o cotidiano escolar em um ambiente de cuidado, descoberta e aprendizagem significativa, no qual o

ensinar e o aprender se entrelaçam em relações de confiança, diálogo e respeito mútuo.

Como afirma Barbosa (2019, p. 32), “a escuta sensível é também uma forma de cuidado e de mediação pedagógica, pois permite compreender as crianças em suas múltiplas linguagens e construir com elas práticas mais humanas e democráticas”

Ser mediador afetivo significa compreender que o processo de ensinar e aprender não se limita à razão, mas envolve sentimentos, gestos e vínculos. Vygotsky (1991) já afirmava que a aprendizagem é um processo social e culturalmente construído. Assim, o professor atua como ponte entre o conhecimento e o sujeito que aprende, criando oportunidades para que a criança amplie suas formas de pensar e se expressar. Como destaca o autor, “todas as funções psicológicas superiores aparecem duas vezes: primeiro no plano social e depois no plano individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico) e, depois, no interior da criança (intrapsicológico)” (Vygotsky, 1991, p. 57).

Essa compreensão reforça que o desenvolvimento humano é indissociável das relações sociais e das interações mediadas pela linguagem e pela afetividade. Para que essa mediação aconteça, o educador precisa desenvolver a escuta atenta e o olhar empático. Escutar não é apenas ouvir as palavras das crianças, mas compreender seus silêncios, seus gestos e suas emoções.

Conforme explica Tânia Fortuna (2011), o professor que atua com base na afetividade não busca controlar o comportamento infantil, mas compreender suas manifestações, acolhendo o que está por trás delas — sejam curiosidades, inseguranças ou desejos. A autora afirma que “o nexo entre brincar, aprender e ensinar se estabelece quando se conciliam os objetivos pedagógicos, as características essenciais da atividade lúdica e os desejos e necessidades do aluno” (Fortuna, 2011, p. 145). Assim, a afetividade se revela como uma linguagem que orienta o olhar do educador para o sentido das ações infantis e para a escuta das emoções expressas no cotidiano escolar.

Maria Carmen Barbosa e Horn (2025) acrescentam que a mediação afetiva é um exercício de presença e disponibilidade. Segundo as autoras, “o educador deve aprender a escutar com os olhos, com o corpo, com o coração,

superando a lógica do comando e controle para assumir uma postura de presença e escuta genuína” (Barbosa; Horn, 2025, p. 1004). Essa perspectiva reafirma que o educador sensível está inteiro na relação, atento às necessidades emocionais e cognitivas do grupo e comprometido com o protagonismo infantil.

Nesse sentido, a afetividade é compreendida como um ato pedagógico intencional, que organiza o tempo, o espaço e as interações de modo que cada criança se sinta vista, reconhecida e pertencente — condição essencial para o desenvolvimento integral e para uma aprendizagem significativa.

Transformar o vínculo afetivo em prática pedagógica requer intencionalidade e sensibilidade. O professor pode promover experiências que estimulem a empatia, a cooperação e o diálogo, transformando o cotidiano em oportunidades de aprendizagem emocional. Entre as estratégias mais eficazes destacam-se:

- Rotinas acolhedoras: começar o dia com saudações, músicas ou rodas de conversa, fortalecendo o sentimento de pertencimento.
- Momentos de escuta: reservar tempos para que as crianças falem sobre o que sentem, pensam ou desejam, valorizando sua voz.
- Brincadeiras compartilhadas: o brincar coletivo estimula o respeito, a comunicação e a resolução de conflitos de forma construtiva.
- Expressões artísticas e simbólicas: desenho, dramatização, música e dança são linguagens que permitem à criança comunicar emoções e experiências.
- Ambientes afetivos: organizar o espaço físico de forma acolhedora, com cores suaves, materiais acessíveis e cantos de tranquilidade.

Essas práticas favorecem o desenvolvimento socioemocional e ampliam a comunicação entre as crianças e o educador. Além disso, reforçam o papel do professor como referência segura e afetuosa, capaz de ajudar a criança a compreender e expressar seus sentimentos.

Segundo Paulo Freire (1996), ensinar exige amorosidade, compromisso e humildade. O autor afirma que “a competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão [...] não são incompatíveis com a

amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento” (Freire, 1996, p. 73)

O professor que ensina com afeto não anula sua autoridade, mas a reconstrói sob a forma de diálogo e confiança, reconhecendo que a aprendizagem é um encontro humano. Como reforça o próprio Freire, “preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. [...] Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1996, p. 89).

Assim, o mediador afetivo é aquele que faz da relação pedagógica um ato ético e transformador, entendendo que cada encontro com a criança é uma oportunidade de semear confiança, curiosidade e respeito. Afinal, é pela relação que o aprendizado acontece, e é pelo afeto que a relação floresce.

METODOLOGIA

Este estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, construída a partir da leitura, seleção e análise interpretativa de obras que abordam a afetividade, a comunicação e as relações interpessoais na Educação Infantil.

Foram consultados autores clássicos e contemporâneos que tratam da temática sob diferentes perspectivas teóricas, como Henri Wallon (1981), Lev Vygotsky (1991), Paulo Freire (1996), Tânia Fortuna (2012) e Maria Carmen Barbosa (2019), além de artigos científicos publicados entre 2000 e 2024 em bases acadêmicas de acesso público.

A análise seguiu uma abordagem interpretativa e reflexiva, buscando compreender as contribuições desses autores para o entendimento do papel do afeto e do diálogo como fundamentos da ação pedagógica. O percurso metodológico foi organizado em eixos temáticos, os quais evidenciam como a afetividade e a comunicação influenciam o desenvolvimento infantil, a formação docente e a construção de práticas educativas humanizadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo evidencia que a afetividade e a comunicação constituem dimensões indissociáveis do processo educativo, sobretudo na Educação Infantil, etapa em que as experiências relacionais e emocionais assumem papel central na formação da criança. Mais do que simples recursos pedagógicos, ambas se configuram como fundamentos humanizadores que sustentam o desenvolvimento integral — cognitivo, emocional, social e ético.

A partir das contribuições de Henri Wallon (1981), compreende-se que o afeto é uma força organizadora do comportamento e um elemento motor da inteligência, pois as emoções estruturam o modo como a criança percebe e interage com o mundo. Lev Vygotsky (1991), por sua vez, acrescenta que a aprendizagem é um processo social e culturalmente mediado, e que a linguagem — expressão do pensamento e do afeto — é o instrumento por meio do qual se constroem significados compartilhados. Assim, a mediação pedagógica sensível, baseada na escuta e na empatia, torna-se condição para que o desenvolvimento ocorra em toda a sua complexidade.

No campo da prática docente, Paulo Freire (1996) reforça a ideia de que ensinar é um ato de diálogo e amorosidade, exigindo compromisso, humildade e respeito à singularidade do educando. O professor que ensina com afeto não abdica da sua autoridade, mas a reconstrói sob a forma de diálogo, solidariedade e confiança. Como destaca o autor, a amorosidade e a alegria são dimensões constitutivas do ato de ensinar, pois a educação libertadora só se realiza na relação de encontro entre sujeitos que se reconhecem como inacabados e aprendentes.

As reflexões de Tânia Fortuna (2012) e Maria Carmen Barbosa (2019) ampliam essa compreensão ao situar a afetividade como linguagem e como eixo estruturante da ação pedagógica. Fortuna destaca que compreender o afeto é também aprender a interpretar gestos, silêncios e expressões como manifestações legítimas do pensamento infantil. Barbosa, por sua vez, enfatiza que a escuta sensível e a presença atenta do educador configuram práticas de cuidado e de mediação pedagógica, nas quais o professor se coloca como parceiro do processo de descoberta e criação da criança.

Desse modo, a afetividade e a comunicação não podem ser vistas como aspectos acessórios, mas como núcleo da práxis educativa, pois é nelas que se estabelecem os vínculos que sustentam a aprendizagem significativa. O educador que atua de forma afetiva compreende que cada encontro com a criança é um ato ético, estético e político, no qual se constrói confiança, pertencimento e sentido. Ao cultivar a escuta e o diálogo, o professor favorece o desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da empatia — competências indispensáveis à vida em sociedade.

Portanto, educar com afeto é educar para a humanidade. É reconhecer que o conhecimento só ganha valor quando atravessado pela sensibilidade e pela presença do outro. A escola que acolhe, dialoga e valoriza as múltiplas linguagens das crianças se torna um espaço de vida, de trocas e de esperança. Em síntese, a afetividade e a comunicação são os fios invisíveis que tecem a aprendizagem, unindo pensamento, emoção e ação na construção de uma educação verdadeiramente humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo confirma que a afetividade e a comunicação são dimensões fundamentais da prática pedagógica e elementos estruturantes da Educação Infantil. Mais do que estratégias de ensino, elas configuram-se como formas de relação humana, por meio das quais o educador cria vínculos, desperta emoções e dá significado às experiências de aprendizagem.

A partir das contribuições de Henri Wallon (1981), compreende-se que o afeto é uma força propulsora do desenvolvimento humano, antecedendo a razão e orientando o comportamento. Já Lev Vygotsky (1991) evidencia que o aprendizado se constrói nas interações sociais, sendo a linguagem o mediador essencial entre o pensamento e o mundo. Essas perspectivas revelam que o desenvolvimento infantil não pode ser dissociado da dimensão emocional e relacional, pois é no encontro com o outro que o sujeito se constitui e aprende.

Sob a ótica de Paulo Freire (1996), ensinar é um ato de diálogo, amorosidade e compromisso ético. A amorosidade, longe de ser mero afeto

idealizado, é uma postura de respeito e abertura ao outro, que humaniza a prática educativa e transforma o ato de ensinar em um encontro libertador. Nessa perspectiva, o educador não impõe o saber, mas o constrói junto com a criança, valorizando sua voz, suas curiosidades e seus modos próprios de ser e aprender.

Autores contemporâneos, como Tânia Fortuna (2012) e Maria Carmen Barbosa (2019), ampliam esse olhar ao compreender a afetividade como linguagem e mediação pedagógica. Fortuna ressalta que o professor sensível é capaz de interpretar gestos, expressões e silêncios como manifestações legítimas do pensamento infantil. Barbosa, por sua vez, defende que a escuta sensível e a presença atenta do educador são formas de cuidado e de reconhecimento da criança como sujeito de direitos, ativa na construção do conhecimento e das relações sociais.

Assim, as evidências teóricas e reflexivas reunidas neste trabalho permitem afirmar que a afetividade e a comunicação não são dimensões complementares, mas fundamentos que sustentam o processo educativo. É por meio delas que se estabelece a confiança necessária ao aprender, se promove o desenvolvimento da autonomia e se constroem práticas docentes mais humanas e transformadoras.

Conclui-se, portanto, que educar com afeto é educar para a vida e para a humanidade. É compreender que cada gesto, palavra ou silêncio carrega potencial formativo. É reconhecer que a sala de aula se torna verdadeiramente significativa quando o educador age com sensibilidade, ética e presença. Educar com afeto é, em última instância, semear vínculos que ensinam e humanizam, tornando a escola um espaço de encontro, de escuta e de esperança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Currículo e linguagem: experiências, narrativas e sentidos na Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Caderno 6 – Currículo e Linguagem. Brasília: MEC, 2019. p. 29-38.

BARBOSA, Maria Carmen; HORN, Maria da Graça Souza. O protagonismo infantil na Educação Infantil: a escuta atenta como caminho para a construção do conhecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 11, n. 8, ago. 2025, p. 1003–1007.

BOWLBY, John. **Attachment and loss**: vol. 1 – Attachment. New York: Basic Books, 1969.

BREVIÁRIO, Ana Paula; SILVA, Carla Menezes; GOMES, Rafael. Afetividade e vínculo na infância: contribuições contemporâneas da neurociência à educação. **Revista Brasileira de Educação e Desenvolvimento Humano**, v. 5, n. 2, 2025.

DANTAS, Heloysa (Org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A formação lúdica docente e a universidade: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Afetividade e aprendizagem: um encontro possível**. Porto Alegre: UFRGS. (Caderno de Formação – Educação Infantil, v. 2). 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIONGO, Isabela Fernanda. **A relação entre professor-aluno e a importância da afetividade**. Rio Claro: UNESP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/2fe5a2b4-90c7-40d4-a43c-b0c830dc7788>. Acesso em: out. 2025.

LIMA, Laíse Soares; CAVALCANTE, Gicelma de Oliveira; SANTOS, Ingrid Nayanne da Silva. Escuta sensível na Educação Infantil: uma abordagem pedagógica centrada na criança. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade (LES)**, v. 28, n. 56, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26694/rles.v28i56.4868>.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 6. ed. rev. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O poder do cérebro que aprende: como nutrir o desenvolvimento emocional das crianças**. São Paulo: nVersos, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1981.